



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU - CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS - DL
CURSO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO EM
LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS
LITERATURAS

FAYNNE OLIVEIRA ROCHA

A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM HALLA EM A *DESUMANIZAÇÃO*, DE
VALTER HUGO MÃE

PATU

2023

FAYNNE OLIVEIRA ROCHA

**A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM HALLA EM A *DESUMANIZAÇÃO*, DE
VALTER HUGO MÃE**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras – DL, do *Campus* Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

**Orientadora: Profa. Dra. Annie Tarsis
Morais Figueiredo.**

**PATU
2023**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

R672c Rocha, Fayne
A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM HALLA EM A
DESUMANIZAÇÃO, DE VALTER HUGO MÃE. / Fayne
Rocha. - CAMPUS AVANÇADO DE PATU - CAP, 2023.
42p.

Orientador(a): Profa. Dra. Annie Tarsis Morais
Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. personagem. 2. Halla. 3. violência. 4. percurso. 5.
amadurecimento. I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais. II.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN

FAYNNE OLIVEIRA ROCHA

**A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM HALLA EM A *DESUMANIZAÇÃO*, DE
VALTER HUGO MÃE**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras – DL, do *Campus* Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Aprovada em: 05/04/2023

Banca examinadora

Annie Tarsis Morais Figueiredo

Prof.^a. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo (Orientadora)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Luciana Fernandes Nery

Prof.^a. Ma. Sidileide Batalha do Rego (Examinadora 1)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Sidileide Batalha do Rego

Prof.^a. Dra. Luciana Fernandes Nery (Examinadora 2)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

A minha mãe, a minha vó (*in memoriam*), a
Júnior e a Deus por me fazer evoluir
constantemente.

AGRADECIMENTOS

Ao longo da árdua jornada muitas adversidades apareceram, em muitos momentos o desânimo bateu, mas a fé em Deus sempre prevaleceu e o sonho a ser realizado sempre foi mais forte. Tenho sempre comigo o versículo que se encontra em Marcos 11:24 que diz “Por isso, eu digo: tudo o que vocês pedirem em oração creiam que já o receberam, e assim sucederá”. Através dessa passagem, quando o sentimento de incapacidade chegava, Deus com sua infinita bondade sempre me mostrava que eu poderia superar qualquer obstáculo.

Sou grata também, por todo apoio que recebi da universidade, *Campus* Avançado de Patu – UERN, que foi fundamental para o meu crescimento pessoal, bem como o profissional, pois através das experiências vividas em sala de aula, pude perceber a valiosa importância, para a sociedade, da profissão exercida pelo professor.

Minha eterna gratidão por todo o apoio recebido da minha orientadora, a Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo que me conduziu para a conclusão da minha pesquisa. Agradeço pelo seu profissionalismo e competência durante todo meu processo de escrita, principalmente pela paciência e por toda a compreensão das minhas limitações.

Quero externar meus agradecimentos as professoras Dra. Luciana Fernandes Nery e Ma. Sidileide Batalha do Rego por terem aceitado o convite para participar da banca examinadora, pois como aluna, acredito na competência de ambas e sei que as contribuições expostas serão de suma importância para agregar mais valor a esta pesquisa. Para mim é um grande prazer tê-las na composição da banca, visto que, as professoras Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo, Dra. Luciana Fernandes Nery, Ma. Sidileide Batalha Do Rego, são meus grandes exemplos de como ser uma boa profissional.

Agradeço aos meus pais, Maria Nyliane Rocha, Fagner Cristino de Oliveira (*in memoriam*) por sempre me mostrarem que os estudos é o melhor caminho a seguir, e que a filha de uma empregada doméstica pode ser formada em um ensino superior. Tenho certeza de que meu pai estaria feliz se estivesse presente ao ver minhas conquistas. A minha irmã Maria Vitória Rocha por sempre torcer por mim e, em especial, ao meu namorado e colega de classe Damião Masculino Júnior, por todo companheirismo durante a graduação, seu apoio também foi fundamental para a concretização desse sonho.

Por fim, agradeço aos meus amigos de sala que tornaram momentos de tensão mais leves. Especialmente, agradeço a Lívia Emanuely Tavares dos Santos e Heitor de Araújo Jalles, por sempre acreditarem nos meus sonhos e nunca deixarem que os pensamentos negativos fizessem presença nos meus dias, o apoio que vocês me deram foi essencial na caminhada.

“Quem não sabe perdoar, só sabe coisas pequenas”.

Valter Hugo Mãe, em *A desumanização* (2014)

RESUMO

Esta pesquisa tem a finalidade de analisar o percurso de transformação da personagem Halla, no romance *A Desumanização*, publicado em 2014, de autoria do escritor português Valter Hugo Mãe. Para atingir esse objetivo de estudo, foram analisados, de forma sucinta, os motivos e as consequências que amadureceram de forma forçada a personagem. Para tanto, foi preciso considerar o modo como ela via o mundo a sua volta, e a reação de alguns personagens islandeses que residiam no mesmo vilarejo. Para isso, foram adotadas as contribuições dos pressupostos teóricos de: Antonio Candido (2009), Cândida Villares Gancho (2002), Beth Braith (1985) e Terry Eagleton (2017) que abordam sobre as categorias da narrativa “personagem e narrador”; Arnaldo Franco Junior (2009) sobre os operadores de leitura; Simone de Beauvoir (1970) para entender o feminismo e a situação da mulher perante a sociedade; por fim, Georges Vigarello (1998) com o objetivo de compreender a violência sexual destinada às mulheres e às crianças desde o século XVI.

Palavras-chave: personagem; Halla; violência; percurso; amadurecimento.

RESUMEN

Esta investigación tiene como corpus y finalidad analizar el camino de transformación del personaje Halla, en la novela *A Dehumanização*, publicada en 2014, del escritor portugués Valter Hugo Mãe. Para lograr el objetivo del estudio, se analizó brevemente: la comprensión, los motivos y las consecuencias que obligaron al personaje a madurar. Para ello, era necesario tener en cuenta la forma en que veía el mundo que la rodeaba y la reacción de algunos personajes islandeses que vivían en el mismo pueblo que Halla. Para ello, se adoptaron aportes de los presupuestos teóricos de: Antonio Candido (2009), Cândida Villares Gancho (2002), Beth Braith (1985) y Terry Eagleton (2017), que abordan las categorías de narrativa “personaje y narrador”; Arnaldo Franco Junior (2009) sobre operadores de lectura; Simone de Beauvoir (1970) para comprender el feminismo y la situación de la mujer en la sociedad; finalmente, Georges Vigarello (1998) con el objetivo de comprender la violencia sexual contra mujeres y niños desde el siglo XVI.

Palabras-claves: personaje; Halla; violencia; camino; madurez.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
2	AS SENSACIONES PRESENTE NA CRIANÇA ESPELHO, O QUE SOBROU DE SI?	14
	2.1 Os primeiros questionamentos de Halla.....	14
	2.2 A jornada da protagonista.....	21
3	OS TRAUMAS VIVENCIADOS POR HALLA	27
	3.1 Halla, o perdão de si e do outro.....	33
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS	42

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Foi na década de 1960 que o movimento feminista contemporâneo teve início, um dos maiores movimentos já vistos, que tratava de assuntos filosóficos, sociais e políticos. O movimento acima descrito fora liderado por um grupo de mulheres e objetivava garantir que outras mulheres pudessem ter seus direitos garantidos, além de buscarem por poder e representatividade perante a sociedade.

A principal luta do movimento feminista é a busca pela igualdade entre os gêneros, marcada pelo patriarcalismo onde o poder de domínio do homem se apresenta como fato exorbitante contra a mulher, o movimento feminista, que se iniciou na década de 1960, reivindicava por seus direitos como: melhorias de vida, dignidade, não agressão, igualdade de salários e respeito. Apesar de muitas lutas vencidas, na atualidade, é possível perceber que muitas mulheres ainda são colocadas em condições que não as favorecem na sociedade.

A busca constante por uma melhoria de vida, por parte da população feminina, ainda são impasses pouco compreendidos nos espaços sociais, pois ainda existem problemáticas desenvolvidas pelo poder masculino, que não abre mão da mulher frágil e incapacitada de ter voz e representatividade, muito menos de opinar sobre assuntos que são de suma importância para contribuir com o meio social. Algumas em estado de vulnerabilidade, e por não ter uma representação, acabam se tornando reféns do poder masculino que perdura ainda. Com isso, visando a vulnerabilidade em que a personagem Halla ficou após a morte da irmã trataremos de analisar sua construção dentro dos aspectos que o feminismo aborda

Para isso, a presente pesquisa, desenvolvida na área da literatura portuguesa contemporânea, tem como *corpus* o romance *A Desumanização*, publicado no ano de 2014. O foco do estudo se concentrou na construção da protagonista Halla. Essa narrativa é o quarto romance do aclamado escritor português Valter Hugo Mãe, uma história de grande delicadeza que se passa na Islândia, onde seu território é composto por algumas pequenas ilhas, e boa parte da população reside em vilarejos, como a personagem analisada.

O autor da narrativa, que deu embasamento para esta pesquisa, nasceu em Angola, no dia 25 de setembro de 1971, tornando-se grande escritor português Valter Hugo Mãe, romancista, artista plástico, poeta e editor, atualmente com 51 anos de idade. Sua carreira tem sido marcada por diversas conquistas, dentre elas, o Prêmio Literário de José Saramago em 2007 e o Prêmio Portugal Telecom de Literatura no ano de 2012.

Ao lançar seu quarto romance, alguns pesquisadores puderam trabalhar mais a fundo sobre a solidão instalada na personagem, logo após a morte de sua irmã gêmea e como seus pais passaram a conviver com o luto. Assim, foi possível levantar temáticas que são de suma importância para a sociedade.

Em relação ao estado da arte, destacamos a pesquisa *Análise do processo do luto em A Desumanização de Valter Hugo Mãe, a partir da perspectiva psicanalítica de Sigmund Freud e Melanie Klein*, de Raniele Layse (2018) que analisa a forma como o luto se desenvolveu na narrativa. De posse da pesquisa realizada, é possível notar que a questão do luto e o confronto entre mãe e filha são assuntos já trabalhados. Destarte, este estudo se diferencia, de demais estudos, por se preocupar em estudar o processo de construção da personagem Halla, na obra *A Desumanização* (2014), de Valter Hugo Mãe.

Após alguns levantamentos verificou-se a inexistência de pesquisas que abordassem com profundidade essa temática. Diante do problema acima descrito, é possível afirmar que a importância deste estudo é relevante para a sociedade de um modo geral, por trazer à tona a necessidade de se refletir sobre a forma que uma criança, de apenas onze anos de idade, precisou lidar diante de tantos acontecimentos, sendo obrigada a desenvolver maturidade para lidar com todas as problemáticas trazidas para o seu cotidiano.

Com o intuito de solucionar algumas indagações, o presente estudo busca responder algumas questões, sendo a principal pergunta a seguinte: como se dá a construção da personagem Halla em *A Desumanização*, de Valter Hugo Mãe? de que forma a personagem Halla, ainda criança, tenta lidar com a perda de sua irmã gêmea Sigridur? Como a personagem lidou com o luto dos seus pais? e quais foram os principais marcos vivenciados por Halla que a fez ter uma nova perspectiva de vida?

A fim de responder tais problemáticas, esta pesquisa tem o propósito principal de analisar o processo de construção da personagem Halla, na obra *A Desumanização* (2014). De modo em específico trataremos de identificar; a) o sentimento que se instalou na personagem depois da perda de sua metade (irmã gêmea); b) o processo de compreensão do luto de seus pais e c) a sua nova perspectiva de vida, após os marcos dolorosos vivenciados.

Quanto a metodologia utilizada, esta pesquisa se enquadra como qualitativa com abordagem descritiva e interpretativa, uma vez que, tais métodos são usados para compreender as motivações, bem como os significados das ações e os papéis do sujeito na construção do meio social. Outro método utilizado foi o dedutivo-indutivo, o qual, trata de um método que utiliza a indução como fonte principal para uma análise, e o indutivo se refere a alguns casos específicos em que é preciso obter uma regra geral para chegar a uma conclusão dos casos

específicos, bem como, o dedutivo que parte de um método racionalista onde se pressupõe a razão como uma forma de se chegar ao conhecimento verdadeiro.

Como o presente estudo relaciona-se a uma área da literatura, buscaremos respaldo nos seguintes pressupostos teóricos: Antonio Candido (2009), Beth Brait (1985), Cândida Vilares, Gancho (2002) e James Wood (2012), que refletem sobre a categoria da narrativa personagem; Terry Eagleton (2017), que aborda sobre os narradores; Arnaldo Franco Junior (2009) que trata sobre os operadores de leitura da narrativa e narradores auto diegético; Simone de Beauvoir (1970) que fala sobre a situação da mulher perante a sociedade e Georges Vigarello (1998) que trata da violência sexual destinada às crianças e às mulheres desde o século XVI.

Quanto ao interesse pessoal para a elaboração desta pesquisa, primeiramente, surgiu após a uma apresentação de seminário da disciplina de Literatura Portuguesa III ministrada pela professora Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo. A partir da de *A Desumanização* (2014), foi possível perceber que a narrativa não apresentava somente o luto entre mãe e filha após a morte de uma das gêmeas, mas que era possível analisar outras temáticas como o seu percurso e todo o seu processo de transformação.

Dessa maneira, a pesquisa está dividida em dois capítulos teóricos-analíticos. O primeiro capítulo apresenta uma breve introdução sobre a personagem da narrativa de Valter Hugo Mãe, onde é apresentado o início da sua jornada após a perda de sua irmã gêmea, Sigridur, e como ficou a situação da sua família tentando lidar com o luto. O segundo capítulo, aborda a maneira vulnerável em que a personagem foi exposta, e por fim, são apresentados os marcos dolorosos que fizeram a personagem, obrigatoriamente, buscar por uma nova perspectiva de vida.

2 AS SENSACÕES PRESENTE NA CRIANÇA ESPELHO, O QUE SOBROU DE SI?

O capítulo trata da história de uma personagem que, ainda criança, passou por um momento de perda, o que a tornou aos onze anos a protagonista do romance *A Desumanização* (2014), a menina precisou, de forma forçada, lidar com todo o processo do luto pela perda precoce de sua irmã gêmea. Sua família que era sinônimo de felicidade, após a morte de uma das gêmeas, se desestruturou, motivando a protagonista a desenvolver uma maturidade precoce para poder lidar com todos os acontecimentos, pós falecimento de sua irmã.

Com a falta de uma integrante da família, a gêmea que ficou viva passou a ganhar uma nova identidade, sendo elas: “criança espelho”, “a metade”, e “a criança plantada”, foram as novas denominações para Halla que, no meio de toda essa situação, buscava compreender a si mesma.

Ao decorrer da narrativa, nota-se que se que um conflito forte se instala na família, onde é possível sentir a presença de uma relação de frieza entre mãe e filha e o silêncio do pai, que diante de toda a situação exposta, buscava forças para amenizar as adversidades que persistiam na família. No decorrer da narrativa, é possível compreender como a personagem à medida que o tempo vai passando, passa se sentir diante de todas as situações que estava vivenciado.

2.1 Os primeiros questionamentos de Halla

O romance é narrado em primeira pessoa, ou seja, pela voz da protagonista Halla, uma menina que, na primeira parte da obra, está com onze anos e passa por uma tragédia: a perda da sua irmã gêmea, Sigridur. Após esse acontecimento a personagem narra o que sobrou de si. Existe uma série de especificidades no que tange as personagens do romance, para Antonio Candido (2009, p. 52): “A personagem é o que há de mais vivo no romance, o autor finaliza afirmando que a leitura dela depende da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor”. Ou seja, a personagem muitas vezes adentra como uma representação realista do ser humano, evidenciando suas ações, seus sentimentos, suas experiências e vivências.

Ainda sob esta perspectiva, o autor Candido (2009) afirma que a personagem fictícia se distingue de uma realidade porque o escritor, em um romance, geralmente segue uma linha de coerência, e que através dessa linha, o leitor passa a buscar conhecer a natureza do ser fictício.

A aproximação do leitor com a personagem faz com que, por diversas vezes, haja o ato de comparação, onde é possível ao leitor se colocar no lugar da personagem e viver aquela sensação no contexto da história. Essas sensações podem ser associadas com a personagem Halla, nos momentos em que a protagonista expõe suas emoções.

Logo nas páginas iniciais é retratada a morte da sua irmã. “Éramos gêmeas, “crianças espelho”. Tudo em meu redor se dividiu por metade com a morte”. (MÃE, 2014, p. 17). Halla era reconhecida como o reflexo de sua irmã gêmea. E desde o início, com a morte precoce de Sigridur, ela tenta associar o questionamento sobre a “criança plantada”, denominação esta que foi posta por outros habitantes da vila, inicialmente Halla diz:

Foram dizer-me que a plantavam. Havia de nascer outra vez, igual a uma semente atirada àquele bocado muito guardado na terra. A morte das crianças é assim, disse a minha mãe. O meu pai, revoltado, achava que teria sido melhor haverem-na boca de deus. Quando começou a chover, as nossas pessoas arredadas para cada lado, ainda vi como ficou ali sozinho. Pensei que ele escavaria tudo de novo com as próprias mãos e andaria montanha acima até ao fosso medonho, carregando o corpo desligado da minha irmã. (MÃE, 2014, p. 17)

O primeiro questionamento, para Halla, foi entender o real significado da palavra plantada que, segundo as pessoas da vila, passaram a denominá-la assim por acreditarem em uma possível reencarnação “Disseram-me que talvez a criança morta tivesse prosseguido em meu corpo [...] e eu acreditei candidamente que, de verdade, a plantaram para que germinasse de novo”. (MÃE, 2014, p. 17). Fazendo-a acreditar, inicialmente, no renascimento, onde, no corpo dos seres humanos e ali no corpo da sua irmã irá nascer uma semente, e que após a morte existirá vida. É, a partir desse questionamento, que se inicia a conturbada definição de identidade da protagonista Halla.

(...) um plantio ridículo. Uma coisa para consolar a cabeça aflita da família. Não servia para tarefa alguma. E perguntavam-me: é verdade que os gêmeos ficam de duas almas. como se eu estivesse a sentir-me gorda ou pesada, como se tivesse mudança no corpo ou na luz dos olhos que evidenciasse a obrigação de fazer a minha irmã viver. [...] eu era magra. Apenas um esboço de gente. Quase não existia. Não me via gorda de aquisição nenhuma e mal encontrava lugar para a alma que até então me competira. (MÃE, 2014, p. 18)

Conforme vemos na citação, a personagem convive com esse sentimento contínuo de perda, em que ela passa a ser comparada com a personalidade oposta de sua irmã. Embora ambas sejam idênticas na aparência, visto que, se trata de irmãs gêmeas univitelinas. Com a falta de sua metade, Halla desencadeia um sentimento de tristeza e até de culpa, que não transparece só nela como também em seus familiares. Embora, na Islândia exista uma cultura de que há um forte cultivo dos laços familiares, a harmonia que existia nessa família islandesa

se foi com o fim de uma vida jovem, que existia ali no meio, e o sofrimento de luto e a frieza se misturam com a grande paisagem gélida do país.

James Wood diz que: “podemos saber muitas coisas sobre um personagem pela maneira como ela fala, e com quem fala - e como ele lida com o mundo, [...] o romance pode nos revelar o que pensa um personagem”. (WOOD, 2012, p. 89). Dessa forma, o modo como Halla narra seus dias revela que, após a morte da irmã, fica explícito o quanto, desde o início, ela tenta associar a dor do luto, a uma forte dor de negação que a mãe passa a ter sobre ela. No trecho a seguir, a personagem diz:

(...) podia ser que estivesse ainda mais magra por ter ficado vazia dos poucos gramas que pesava a alma. A minha mãe chamava-me estúpida. Perguntei-lhe que sentido encontrava na vida. O que andaríamos ali a tentar descobrir. Mas ela nunca o saberia. Surpreendeu-se com a profundidade da questão. Foi um modo instintivo que tive de a magoar, para que não me ofendesse com a sua contínua e impensada rejeição. Magoávamo-nos, acreditava eu, sempre por causa da ternura. Como que a reclamá-la enquanto a perdíamos de vez. Mais tarde ouvia-a alertar meu pai. Em alguns casos de morte entre gêmeos o sobrevivente vai morrendo num certo suicídio. Desiste de cada gesto [...] quando percebi que estávamos sozinhos, descansei o meu pai, não queria morrer. (MÃE, 2014, p. 21)

Na passagem acima descrita, é possível realizar uma breve análise de que a mãe de Halla não se conforma apenas com a morte de uma das filhas, causando na personagem um sentimento de culpa, fazendo-a se sentir incompleta, fazendo surgir em Halla questionamentos sobre o porquê de estar sendo culpada pela perda de sua metade, assim como, se referiam instalando em Halla um sentimento de tristeza profunda. Conforme Candido:

A personagem deve dar a impressão de que vive, de que é como um ser vivo. Para tanto, deve lembrar um ser vivo, isto é, manter certas relações com a realidade do mundo, participando de um universo de ação e de sensibilidade que se possa equiparar ao que conhecemos na vida. (CANDIDO, 2009, p. 61)

Desse modo, mesmo passando por um período em que o luto era algo tão esmagador para si, a personagem apesar de se sentir esgotada, tanto pela tristeza causada pela perda da sua irmã, quanto pelo comportamento de sua mãe, busca forças em si mesma para que a tristeza não a domine, e que permaneça viva. O pai que também sofre pela perda da filha, destarte, mesmo passando pelo luto de forma mais fechada e silenciosa, tenta confortar Halla frente as palavras pesadas que a mãe a lança.

Ainda como descrito por Candido (2009, p. 64), “Neste mundo fictício, diferente, as personagens obedecem a uma lei própria. São mais nítidas, mais conscientes, têm contorno definido, ao contrário do caos da vida pois há nelas uma lógica pré-estabelecida pelo autor, que as torna paradigmas e eficazes”. Nesse sentido, nem sempre o que o autor descreve pode ser

usado como uma comparação do reflexo com a realidade, pois em alguns casos as personagens podem apenas serem criadas de forma minuciosa para determinado tipo de trabalho.

Pensando nisso, a criação de outras personagens podem se tornar a cópia fiel de pessoas reais. Um exemplo seria a personagem que está configurada no romance, onde é representada por suas ações, a personagem Halla que movimenta toda a sua trajetória no romance “A Desumanização (2014)”, ainda na primeira parte da obra, dilacerada pela tristeza, Halla mantém um diálogo com o seu pai, visto que é o único familiar naquele momento com quem pode encontrar algum tipo de apoio. Na citação abaixo é possível assimilar a fala do pai de Halla:

(...) o inferno não são os outros, pequena Halla. Eles são o paraíso, porque um homem sozinho é apenas um animal. A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti. Ser-se a pessoa implica a tua mãe, as nossas pessoas, um desconhecido ou a sua expectativa. Sem ninguém no presente e no futuro, o indivíduo pensa tão sem razão quanto pensam os peixes [...] pintávamos os moveis de flores escuras. Demorávamos muito e a casa cheirava a tinta más, baratas, que demoravam a secar. O meu pai impedia-me de chorar pelo ofício da racionalidade. (MÃE, 2014, p. 24)

Na citação supra escrita, é possível sentir, na fala do pai, o uso uma linguagem mais poética, pois ao dizer que “o inferno não são os outros”, o pai tenta argumentar no que pode sobre o pensamento da filha ao buscar um possível equilíbrio com esse outro, pois ao ver sua família se desestruturando ele tentava encontrar formas que apaziguassem a situação. Embora ela esteja passando por um momento de muito cansaço, a personagem tenta associar todos esses acontecimentos que ocorrem de forma veloz, bem como o maltrato pela sua mãe, a depressão silenciosa por parte do seu pai e a falta da irmã.

O pai menciona para Halla sobre a humanidade, isto é, que não necessariamente o outro conseguirá penetrar no seu consciente por completo. Existirá sempre um meio para que haja liberdade, autonomia e resistência. Mas, é somente por meio de relações que o outro se transforma e se constitui. Na sequência, também na primeira parte da obra, a personagem principal que está vivendo por momentos conflituosos, passa pela sua primeira transformação. Halla narra:

(...) com onze anos de idade, que me vieram as flores de sangue, a dormir, enquanto delirava com a boca de deus, que era de vento, voadora, infinita, limpa como se aberta fosse o dia e fechada a noite. Como se dormíssemos dentro dela. Chamávamos-lhe a boca de deus porque não a conhecíamos. E deus era o desconhecido. Cada coisa que se nos revelasse tornava-se humana. Apenas o que nos transcendia poderia ser de deus. Aquela fundura nas rochas, toda infinita e terminante, transcendia-nos. (MÃE, 2014, p. 27)

No excerto acima, a personagem narra sobre as flores de sangue, retratando a sua primeira menstruação, que ocorreu quando ainda era criança. Enquanto dormia, Halla passa a sonhar com “a boca de deus”, lugar esse, considerado sagrado nos fiordes islandeses. Se trata de um precipício muito profundo onde não se pode enxergar o seu fim. Quando Halla fala: “deus é algo desconhecido”, e ao utilizar a letra inicial minúscula, está fazendo referência com o humano e o divino, causando então um tom de poesia em suas palavras. Ao acordar, Halla diz:

(...) acordei e pensei que não fazia sentido nenhum que a morte doesse. Sente-se como uma dor de estômago mais a fundo. Como se o estômago estivesse a descer e a querer sair pernas abaixo. O meu pai perguntou: a morte. E eu respondi: não. As flores das mulheres. O sangue apodrece e cheira mais forte. Corre dentro como um bocado de fogo raivoso, porque me arde. (MÃE, 2014, p. 27)

Na passagem acima descrita, a personagem narra como foi o seu primeiro dia lidando com a sua primeira menstruação, onde a mesma diz sentir muitas dores em seu estômago, tratando das cólicas menstruais que são bem recorrentes nesse período. O pai da personagem que sempre se mantém fechado desde a morte da outra filha, ainda se preocupa com a “gêmea menos morta” e a questiona se as dores que ela vem sentido é sobre a morte, mas mesmo sabendo que o pai não deve entender muito acerca do assunto, diz de forma breve que as suas dores naquele momento se trata das suas “flores de sangue”.

A personagem em seguida diz: “(...) são lume. Magoam. Todos me falavam de passar a ser mulher e sobre o que isso significava de perigo e condenação”. (MÃE, 2014, p. 27). A partir desse momento, Halla passa, então, a compreender que está entrando em uma nova fase de descoberta da sua vida, deixando naquele momento de ser apenas uma criança para se tornar mulher. A citação a seguir diz, “O cimo das pernas aberto como se estivesse estragado. Podre. Tinha apodrecido igual à minha irmã morta. Pingava e magoava”. (MÃE, 2014, p. 28). Halla associa o seu sangramento como a fertilidade, e compara o seu mau cheiro com o de sua irmã que está morta.

A partir desse acontecimento ocasionado por sua primeira menstruação, será mais um acréscimo de mudanças que a personagem irá ter que associar, juntamente com os seus marcos anteriores, da perda da sua metade, considerada seu espelho, bem como, a forma silenciosa que seu pai sofre com o luto pela perda de uma das filhas e a grande fúria e negação vindas de sua mãe. Em alguns momentos, Halla sonhava que estava bem no alto das montanhas, por ser muito magra, tinha a sensação que voava e levava duas almas, a própria e a de sua irmã, ao contar de

seus sonhos para a sua mãe ela não entendia a interpretação e machucava Halla. Nesse trecho a personagem diz:

A minha mãe bateu-me. Sentiu-se revoltada por me mostrar tão egoísta. Lembrou-me que eu só voara por ter a minha e a alma da Sigridur dentro do balão estreitinho do corpo. De outro modo, bateria com a cabeça nas rochas, a rebolar até o mar, igual a uma coisa burra qualquer. Estúpida. A minha mãe, mais horrível e sempre mais horrível, cortou-se no interior de um braço para acalmar e guardou as facas. [...] Eu sabia bem que aceitar a morte da minha irmã era um egoísmo e contradizia muito a família. A vigília dos dias não permitia que a raiva acabasse. Até certo ponto, isso também me reconfortou. Não saberia aceitar a sua morte. Sentia muita revolta. (MÃE, 2014, p. 29)

A morte precoce da irmã gêmea de Halla os pegou de surpresa, visto que não estão preparados para perdas. A forte negação do luto por parte da mãe desestruturou o laço existente da família, onde existia amor entre mãe e filha passou para uma relação de confronto entre as duas. Halla, que desde o começo tenta entender tudo o que realmente está acontecendo, se sente confusa, principalmente, com o sentimento de culpa que foi colocado sobre ela. A raiva e o ódio contra a sua mãe têm início quando ela sofre agressões físicas e verbais. De acordo com Candido:

A força das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade é máximo; mas isso, devido à unidade, à simplificação estrutural que o romancista lhe deu. Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor). graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação. (CANDIDO, 2009, p. 56)

Dessa forma, a compreensão vinda do romance se faz devido a essa série de caracterizações que o romancista dá a uma personagem. Ainda sob a percepção de Antonio Candido (2009, p. 6): “A personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar, com perícia, os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os compararmos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante, no modo-de-ser das pessoas”. Com isso, o escritor busca dizer que, em alguns casos, ao realizar determinada leitura, o leitor adentrara aos elementos presentes na narrativa.

Em outras palavras, ao ler determinado romance, o leitor poderá fazer uso da sua imaginação e comparar os elementos existentes na narrativa com o meio real. Halla, a protagonista era uma criança que usava muito de sua imaginação. Em dias ensolarados a

personagem, juntamente com a sua irmã gêmea, costumava acompanhar o pai na pescaria. No trecho que se segue Halla narra:

Fazia sol, íamos deitar garrafas ao mar. Escrevíamos mensagens aos desconhecidos, pedindo sorte e prendas, pedindo visitas. Contávamos histórias tolas e confissões, ficávamos cheias de esperança que alguém nos atendesse. Escondidas, para não nos cobrarem as garrafas roubadas e a incúria de lançar coisas à água, oferecíamos os nossos segredos. Pensávamos nos desconhecidos como heróis. Apenas os heróis a sério encontrariam os nossos papéis, e apenas os melhores chegariam ao escarpado recôndito dos fiordes. E era verdade que enchíamos as garrafas de flores, porque queríamos que fossem pequenos jardins de ir embora. (MÃE, 2014, p. 31)

É possível associar a citação acima com a teoria de James Wood (2012, p. 89) que diz: “podemos saber muitas coisas sobre um personagem pela maneira como ele fala e com quem fala”. Dessa forma, é possível perceber que Halla e Sigridur tinham profundos diálogos, ambas confessavam segredos uma para a outra e tinham em mente os desconhecidos como heróis, e que esses desconhecidos haviam de encontrarem os seus segredos, pois somente aqueles que chegassem ao escarpado (local de difícil acesso), teriam reconhecimento de um ato heroico. Portanto, conforme a percepção de Wood:

Diariamente inúmeros absurdos são escritos sobre os personagens de ficção – por aqueles que acreditam demais e por aqueles que acreditam de menos no personagem. Os que acreditam de mais mantêm um férreo conjunto de ideias preconcebidas sobre eles: devem se fazer “conhecer”, não devem ser “estereótipos”, devem ter um “interior” e um exterior, profundidade e superfície, devem “crescer” e “se desenvolver” e devem ser pessoas de bem. (WOOD, 2012, p. 91)

Dessa forma, quanto a Halla, é perceptível que o escritor a criou com bastante delicadeza, visto que, se trata de uma personagem que ainda criança passou por momentos que, pela idade dela, não deveria ter acontecido. No decorrer da obra aos poucos ela vai compreendendo seu interior, bem como, as suas mudanças exteriores que estão relacionadas a sua fase de pré-adolescência. No seguinte trecho da obra, ao dialogar com a sua irmã, ela diz:

A Sigridur perguntava: e se as baleias os engolem, e se os tubarões os engolem. E se houver bacalhaus gigantes ou os polvos gostarem das garrafas para enfeitar as pernas como se fossem anéis. E os monstros. Eu respondia: enviamos mais. Cobrimos a água de garrafas, até parecer uma charneca em flor alto. (MÃE, 2014, p. 31)

Vemos que a principal companhia de Halla era sua irmã, e que após a morte dela, a personagem ficou escassa de companhias, pois por serem gêmeas e estarem situadas em uma pequena vila da Islândia não tinham muitas amizades naquele meio. No entanto, na vila morava

um rapaz que era meio solitário e as duas comentavam sobre ele, os quais podem ser analisados em seguida:

Percebíamos o Einar empoleirado nos rochedos com a caçadeira apontada para o mar. O ascoroso Einar que nos destruía tudo. Achávamos sempre que estava a vigiar os nossos navios para os afundar de tiros. Ele, quando nos percebia, corria para dizer que éramos as suas namoradas e para nos puxar os cabelos. Razão pela qual nunca usávamos tranças. Fazíamos-las apenas em festas, quando não saíamos de casa e pensávamos sempre no Einar. Que era um ogro malcriado com quem nunca teríamos amizade, para o castigar de tudo quanto nos fazia e dizia. Por ser arrogante e feio, de boca desdentada e escura. Ainda que tivesse os olhos de azul aceso, o Einar era quase unicamente feio. (MÃE, 2014, p. 32)

O Einar enojava Sigridur, um rapaz bem mais velho que elas, e estranho da vila que todos ali olhavam-no diferente por não ter mais seus pais. Sempre que o avistava, Sigridur pedia para que Halla nunca se envolvesse com o “esquisito” da vila. Mediante a percepção de Wood (2012, p. 105), o qual afirma que:

(...) os romances tendem a falhar, não quando os personagens não são vividos ou profundos o suficiente, e sim quando o romance em questão não nos ensina como nos adaptar a suas convenções, não desperta uma fome específica por seus personagens, por seu grau de realidade.

A falha acima descrita pelo autor, fala da quebra de expectativas do leitor, onde, em alguns casos, esperam algo do personagem e acabam se decepcionando com acontecimentos que não condizem com suas expectativas. Contudo, o leitor poderá sentir no romance a forma como a representação da fala da personagem causa impactos, visto que, a protagonista a todo momento passa constantemente por mudanças físicas e psicológicas.

Com os impasses ocorridos pela perda da sua metade, a qual era sua grande companhia, e a sequele que a morte causou na sua família. No desenrolar da obra, surge outro personagem em que Halla terá que lidar com a presença diária. Einar, esse rapaz mais velho e “esquisito” que repugna as irmãs gêmeas. Com isso, a cada página narrada por Halla, a protagonista causa no leitor a curiosidade de saber o seu desfecho.

2.2 A jornada da protagonista

Terry Eagleton nos faz refletir um pouco mais sobre as categorias da narrativa, para tanto, ele diz: “é válido pensar a narrativa como uma espécie de estratégia, ela mobiliza certos recursos e emprega certas técnicas para atingir determinados objetivos”. (EAGLETON, 2017,

p. 84). Dessa forma, o autor traz uma definição sobre a categoria do narrador onisciente. Ainda sob sua perspectiva, “alguns narradores literários são chamados de oniscientes, no sentido de que supostamente sabem tudo sobre a história que estão contando e o leitor não deve questionar o que dizem”. (EAGLETON, 2017, p. 65). Dessa forma, quando menciona que os narradores sabem tudo sobre a história, possivelmente trata-se de quando o narrador é o próprio protagonista da narrativa.

O romance *A Desumanização* (2014) inicia com a sua protagonista narrando o começo de sua trajetória. Desse modo, não há como ter um sentido oposto, visto que, a personagem Halla é a narradora-autodiegética. Na obra, a protagonista Halla que é a narradora da história retrata, em algumas passagens, os momentos que tinha com sua irmã, em alguns diálogos é possível observar os diálogos que as duas tinham acerca do garoto Einar. No excerto trecho abaixo, é possível notar que Sigridur deixou claro para a irmã o quanto não gostava do rapaz:

Uma noite ao contar segredos, eu disse: acho que nos encalha o Einar. Não há mais ninguém. A Sigridur chorou. Era só um tolo. [...] era fundamental que fossemos cada vez mais gêmeas. Que notasse. Que tivéssemos um destino comum, uma felicidade comum, um respeito comum, que estivéssemos sempre juntas. Namorar, expliquei, assusta-me. Porque vamos namorar sozinhas. Queria dizer que namoraríamos separadas. A Sigridur acreditava que o Einar, um dia, haveria de nos matar. Depois, haveria de nos abrir a barriga com uma faca afiada, depois, haveria de comer tudo quanto houvesse dentro de nós com uma colher grande. (MÃE, 2014, p. 34)

Nota-se que apesar de ainda serem crianças as duas conversavam sobre o futuro e como seria a relação conjugal das duas e por serem gêmeas elas acreditavam em uma teoria de que ambas tinham que sentir os mesmos sentimentos. Halla ingênua acreditava que Einar seria o único pretendente disponível para as duas. Já Sigridur tinha o pensamento oposto, acreditava que todas as aproximações do rapaz mais velho eram maldosas.

Para sua irmã aquele moço era um grande desastre, “(...) nunca namores com ele, Halla. Tu nunca namores com o Einar. Não o queiras para nada. Acredita em mim.” (MÃE, 2014, p. 35). Ao decorrer da história é possível observar que o diálogo das irmãs tem uma evolução, antes as duas apenas brincavam e falavam sobre seus sonhos e as paisagens que viam ao seu redor, já nesses trechos, é perceptível que Sigridur tinha um cuidado maior com Halla, principalmente em não querer sua irmã ao lado da pessoa mais estigmatizada da vila.

Para Beth Brait (1985, p. 61), “a condução da narrativa por um narrador em primeira pessoa implica, necessariamente, a sua condição de personagem envolvida com os acontecimentos que estão sendo narrados”. Através disso, observa-se como o escritor descreveu e definiu determinado personagem, embora seja fictício, o personagem representa para o leitor

muitas vezes a impressão de ser real. Nessa perspectiva, a personagem Halla dá impressão de conhecer um pouco de todos ali que participam da sua trajetória de vida. Ao perceber que sua irmã estava prestes a partir, Halla diz:

A Sigridur nunca me havia dito. Eu, tão gêmea e espelho, tão esperta de tantas manias, nunca percebera como ela estava desenganada. Talvez encontrasse sentido da vida na prova do meu afeto. No momento em que eu lhe garantia nunca esquecer. E sentia que isso seria suficiente para não se desperdiçar. Não fui desperdiçada pela Islândia, pois não. Eu dizia que não. Pensava em deus e dizia que não. Deus não desperdiçaria a minha irmã, não acreditei que ela morresse. (MÃE, 2014, p. 37)

Por se tratar de descendentes dos escandinavos que aportaram ali, em busca de uma vida melhor, local que é bastante reconhecido por seus grandes fiordes e por serem poéticos, nota-se que a escrita é sempre puxada para a melancolia. Ao ver a sua metade partir, Halla promete que a nunca irá esquecê-la e rogava a Deus para que não desperdiçasse a alma de sua irmã. Contudo, “quando a personagem expressa a si mesma, a narrativa pode assumir diversas formas: diário íntimo, romance epistolar, memórias, monólogo interior”. (BRAIT, 1985, p. 61). Dessa forma, a personagem Halla expressa si mesma ao narrar como está sendo seus dias sem a única companhia que tinha e como seus pais estão lidando com o luto.

Conforme o autor Terry Eagleton (2017, p. 69), “A visão limitada dos narradores infantis significa que nem sempre conseguem ter uma percepção coerente de suas experiências. Isso pode levar a algumas situações divertidas ou alarmantes”. No caso específico de Halla, que narra toda sua jornada, desde seus onze anos, ela retrata a forma como são conflituosos os seus dias após a perda na sua família. Ao falar sobre sua mãe, a personagem diz:

A minha mãe, por seu lado, perdera o modo de se apaziguar. Rejeitava cada coisa. Era rigorosa, não desculpava ninguém e não se desculpava. Estava em guerra. Não sabia nada, na verdade, punha as mãos às cegas no mundo. Como se estivesse viva num morto”. (MÃE, 2014, p. 39)

Com a morte de sua outra filha, a mãe passa a viver em um estado de negação, o qual, afeta não só seu esposo, passando também a esquecer o amor que sentia por sua outra filha, resultando em constantes situações de maus-tratos, não só psicológicos, mas físicos também. Nesse sentido, a personagem, mesmo criança, consegue surpreender o leitor, pela força que tem em superar constantemente as adversidades que aparecem no seu dia a dia. Em determinado momento da obra é possível observar como o luto se instala na personagem, por tratar de ser um espelho, a metade, a alma gêmea de outra, o seu processo de luto dá-se de uma maneira diferente, nessa passagem a personagem fala:

Os mortos talvez tivessem medo uns dos outros. Podia ser que se matassem mais e mais, ferrando-se e mutilando-se nos espíritos ainda ansiosos pelos corpos. Do mesmo modo como sobra no amputado a percepção cruel do membro que perde, talvez nos mortos lhe sobre para sempre a impressão dos corpos. E assim se agridam uns aos outros, furiosos por serem levados da vida, zangados e incapazes de administrar melhor o horror. Eu protestava. Podia ser que a Sigridur estivesse tão má que não guardasse tempo para nos ter piedade, para nos sentir a falta, para nos esperar senão com a intenção de nos matar mais e mais também. Os mortos podem ser só um instrumento da morte. Como se existissem para aumentar o reino terrível que habitam. (MÃE, 2014, p. 41)

No trecho acima exposto, a narradora-protagonista fala com seu pai e pergunta se existiria um mundo dos mortos, questionando como lá seria. Nesse momento Halla passa por um estado de inconformismo, pois não aceita a morte da sua irmã e acredita que aqueles que morrem servem apenas para contribuir com a maldade, para elevar o número de pessoas. “Não existe narrativa sem narrador, pois ele é o elemento estruturador da história”. (GANCHO, 2002, p. 19). Desse modo, a personagem Halla se torna o elemento principal da narrativa, visto que é a sua voz que movimenta toda jornada.

A narradora sendo a protagonista, é caracterizada por narrar os fatos em primeira pessoa: “narra, portanto, de um centro fixo, vinculado necessariamente à sua própria experiência. Já que, como o próprio nome diz, é o protagonista da história narrada”. (FRANCO JUNIOR, 2009, p. 12). Uma imensa tristeza se sobressai em Halla, cada vez mais ela se sente solitária, e um sentimento de isolamento permanece em seu interior.

Por muitos acreditarem que ela é a metade de Sigridur, a personagem acredita que o espírito de sua irmã vive dentro do seu corpo, preenchendo um pouco o vazio que a morte dela deixou. Seus pensamentos aumentam cada vez mais, e acaba provocando diversas reflexões sobre o real sentido da vida, e como seria a vida após a morte. Na passagem a seguir, ao conversar com seu pai, a personagem diz:

O pequeno tanque branco, pensei, podia ser uma página. Os peixes debatendo-se podiam ser um poema. Chamei o meu pai. Disse-lhe que os poemas deviam ser assim, como caixas onde estivesse tudo contido e onde, por definição, pudéssemos entrar também. Caixas gigante, se fosse necessário. Adequadas ao tamanho do que se quisesse dizer. Do que quisesse guardar. E os peixes como versos que podemos tocar. Pai. Que podemos tocar. Esses versos convencem-me, os outros não. Sonhei que me deitava encostada à Sigridur na sua caixa de ir à terra. Encostada, sem grande espaço, apenas o suficiente para assistir, ver tomar conta. Saber tudo o que aconteceria. Tocar. Ela estendida como um verso. (MÃE, 2014, p. 46)

Ao analisar o trecho acima transcrito, observamos novamente o tom poético na fala da personagem. Outro detalhe que chama atenção é o fato de serem mencionados os peixes, pois

como muitos homens da Islândia, o pai de Halla também era pescador e tinha costume de levar as gêmeas para a pescaria. Nos intervalos, ou quando tinha momentos sozinho ele escrevia alguns poemas e mostrava para a filha. Ao ver a movimentação dos peixes, a personagem os interpretou como poesia.

Em mais um sonho com sua irmã, a personagem sente que está ao lado de Sigridur ao mencionar “caixa de terra” está se referindo ao caixão que foi enterrado com o corpo dentro. O desejo dela era tirar toda aquela terra e alcançar a irmã, como não podia realizar seu desejo, Halla buscava sentido nas palavras, e na natureza, pois ela gostava de ficar observando e sentindo água e o vento. Dessa forma, essa sucessão de fatos durante a narrativa traz o enredo como um elemento principal que compõem a obra.

A escritora Cândida Vilares Gancho (2002) fala “O enredo psicológico se estrutura como o enredo de ação, isto equivale a dizer que tem um conflito, apresenta partes, verossimilhança e, portanto, é passível de análise” (GANCHO, 2002, p. 09). Exemplo desse enredo psicológico, é a situação conflituosa que se instalou entre mãe e filha após o acontecimento na família.

A partir da morte de sua gêmea, os dias de Halla nunca mais foram tranquilos, o amor da família acabou e só permanecia o ódio de sua mãe contra ela. Por não saber agir com a dor emocional, a figura materna passa a cometer atos assustadores. Como lemos em:

Por vezes, a minha mãe sangrava nos pratos. Enquanto os lavava, os cortes dos braços abriam a sujar a água. Não se cuidava. Gostava de ver as gotas escuras a cair na brancura da louça. Não lhe podíamos pedir que se afastasse. Ainda que se pudesse anêmica, meio morrendo, era como queria. Vingava-se de si mesma por não ter sabido salvar uma filha. E eu afastava-me, sempre prometida para a morte. Devias morrer, dizia ela ao deitar. A tua irmã está sozinha e não te pode vir acompanhar. Mas tu podes. Tu podes chegar à morte com tanta facilidade. (MÃE, 2014, p. 47)

Nessa passagem, a mãe de Halla tomada pelo sofrimento, para amenizar a dor emocional que estava sentindo, opta por sentir a dor física, preferindo mutilar seu corpo, para ela seria uma forma de amenizar a perda de Sigridur. Halla, juntamente com seu pai, observa tudo, porém, não faz nada para evitar. Pois a mãe entra em estado de negação, não aceita ajuda, e culpa somente a filha pela morte da outra. No que se refere ao personagem pertencer efetivamente da história, a autora Cândida Gancho diz:

O personagem é um ser que pertence à história e que, portanto, só existe como tal se participa efetivamente do enredo, isto é, se age ou fala. Se um determinado ser é mencionado na história por outros personagens, mas nada faz direta ou indiretamente, ou não interfere de modo algum no enredo, pode-se não o considerar personagem. (GANCHO, 2002, p. 10)

Desse modo, tanto a protagonista quanto os pais e a sua irmã participam efetivamente da sua jornada, embora sua mãe e a irmã tenham uma participação significativa, os seus papéis não se sobrepõem ao de Halla. Com isso, no que tange a ação com os personagens “A ação é o pôr em movimento personagens, que se relacionam entre si. Como na vida, essas relações podem ser de amor, de amizade, de competição, de oposição. As relações entre as personagens, isto é, as funções que exercem dentro do enredo”. (MESQUITA, 2006, p. 22). Ou seja, na obra é possível notar que depois da perda de uma das gêmeas, deu-se início a um confronto entre mãe e filha. De maneira comum a mãe deveria agir com seu instinto materno que era oferecer apoio a uma de suas crianças, ela faz o contrário e culpa Halla constantemente. Dando seguimento a sua jornada, sua mãe em determinado momento a diz:

Cada passo é um perigo na nossa vida. Se não te acautelares, morres de distraída. Nem te magoará. E eu respondia: não me peça para morrer, mãe. Ainda tenho muita vontade de fugir, foi o que me ensinou a Sigridur. Que agora também eu entendo o que é ser longe. E ela disse: se fugires, mato-te. Vais estar sempre ao pé da minha mão. O único longe para ti há de ser a morte. Perto da tua irmã. (MÃE, 2014, p. 47).

Diante da situação acima exposta, é possível notar que a mãe atinge Halla de forma severa, como se ela fosse responsável pelo desfecho de sua vida, corroborando a citação que diz, “O herói romântico buscará sempre o reequilíbrio, lutando contra as forças hostis da sociedade, da família, da natureza. Estará sempre ao lado do bem e contra a desordem”. (MESQUITA, 2006, p. 25). Através disso, esse ato heroico do personagem de romance, é associado com o da protagonista Halla, uma vez que, mesmo recebendo a culpa pela sua mãe e ser vista como estranha por todos da vila, a personagem que passou a ter uma nova identidade após a perda de sua irmã, não aceita que sua mãe e todos ao redor determinem como deveria prosseguir a sua jornada.

3 OS TRAUMAS VIVENCIADOS POR HALLA

Para compreender a condição feminina no meio social, é necessário realizar uma retomada em seu processo histórico, visto que, desde sempre houve uma necessidade de resistência, para isso, é preciso entender um pouco de como o homem se constituía na sociedade, qual seu papel, e a maneira como é visto perante a ela.

Desde muito tempo atrás, o homem sempre foi posto em um patamar mais elevado, bem no início do patriarcado, observa-se grande domínio de superioridade contra a mulher. Onde o sexo feminino é visto como sinônimo de fraqueza, algo frágil, fisicamente e emocionalmente, impossibilitando de serem donas de suas opiniões próprias afetando então o modo de como queriam prosseguir sua vida sem o poder de escolha.

Apesar de muitas lutas vencidas, ainda é possível observar tentativas de dominação masculina sobre as mulheres, que ainda vivem em condições não favoráveis e acabam sendo subordinadas por esse poder masculino. Sob os estudos de Simone de Beauvoir (1970) que aborda esta temática, que apresenta suma importância sobre o papel da mulher, na terceira parte de sua obra a autora fala sobre alguns mitos que eram postos na sociedade, na citação abaixo ela diz:

A história mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência, seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como outro. Esta condição servia os interesses dos homens, mas convinha também a suas pretensões ontológicas e morais. (BEAUVOIR, 1970, p. 179)

A citação acima descrita condiz com a ideia do início do patriarcalismo, onde o homem nasce com essa domesticação e já era estabelecido como o superior ao sexo feminino, ou seja, esse ato de superioridade foi criado desde os seus antepassados, e perdurou por muitos anos. Transformando a imagem da mulher como algo inútil, a qual tende a ser vista como o outro e nunca como o sujeito. Feita para permanecer em condições desfavoráveis e suprir as necessidades do seu sexo oposto. Por muito tempo foram tidas como reprodutoras e como objetos para a satisfação sexual dos homens e para a realização de trabalhos domésticos.

O livro *A Desumanização* (2014) retrata a personagem Halla que vive na Islândia. No que diz respeito sobre o seu contexto histórico, segundo a pesquisa no site toda matéria, o país foi descoberto por um marinheiro escandinavo que se chamava Naddoddr, que ao realizar uma viagem para a Noruega, das ilhas Feroé em direção a costa leste do País acabou se perdendo.

Os escandinavos são os noruegueses antigos, um desses escandinavos conhecidos por Flóki Vilgerðarson, ao viajar para Islândia foi o primeiro a avistar gelo à deriva dos fiordes e denominou a ilha de *Island* a terra do gelo. Com isso, essa denominação da terra do gelo se iguala a obra de Valter Hugo Mãe, onde os personagens depois da morte de um dos familiares se tornam sérios e só demonstram frieza.

Na obra *O Segundo Sexo* (1970) a mulher era condenada e vista como a submissa do homem, sua existência se baseava apenas em fazer o papel do outro, embora fossem julgadas por serem denominadas frágeis, julgamentos esses que eram impostos por outros, as mulheres acabavam sendo excluídas de decidirem seu destino. Simone de Beauvoir (1970, p. 182), portanto, diz que: “As mulheres, não se colocando como sujeito, não possuem nem religião nem poesia que lhes pertençam exclusivamente; é ainda através dos sonhos dos homens que elas sonham”. Desse modo, a autora deixa de forma explícita como a mulher era sempre posta como a segunda opção, e o fato de não terem seu espaço os seus desejos próprios acabam sendo anulados e os seus sonhos eram concretizados através das realizações dos outros.

Na obra *A Desumanização* (2014) a Halla, desde a sua infância até a pré-adolescência foi posta em condições desfavoráveis, precisando desenvolver maturidade para que soubesse lidar com as problemáticas que eram impostas no decorrer da sua jornada. Após a morte de sua irmã gêmea Halla ficou solitária, e com os impasses na sua família era impossível que ela encontrasse maneiras de dialogar com os seus pais, visto que ambos não estavam sabendo lidar com o luto e cada um passou agir de uma maneira diferente, deixando-a distante.

Halla tentava encontrar formas de distração, e costumava tomar banho em alguns lagos perto de onde morava, sem saber, a personagem a todo instante era observada pelo rapaz mais velho que também morava no mesmo vilarejo. No trecho abaixo, Halla narra o quanto se sente desconfortável por estar sendo observada enquanto estava em um momento íntimo:

Eu encolhia o corpo já encolhido e sofria de uma angustia confessada. Ele dizia que o tanque onde estava era mais quente que o meu. Eu, agarrada ao peito, a tapar o tecido breve que me escondia o mamilo e parte da cicatriz não respondia. Ficava de mau feito a fazer-me de surda e a olhar para o fundo [...] ele repetia cada graça e esforçava-se para que eu correspondesse, e tornava-se impaciente. Recusava-me olhar, porque ele ia de calções curtos, era um malcriado e não parecia limpo. (MÃE, 2014, p. 49)

É possível perceber como a personagem se sente desconfortável com a presença de Einar ali naquele momento. Nota-se que ele insiste várias vezes por atenção e ao se sentir ignorado demonstra uma certa frustração e começa a ficar impaciente, voltando a incomodá-la, deixando a personagem intimidada, por ser ainda criança e possuir uma certa inocência, quando percebe

que estava sendo observada, rapidamente Halla cobre uma parte de seu seio para que ele não pudesse ver.

Por estar vestida com trajes íntimos a personagem recusa vê-lo, e naquele instante sente vergonha e passa a sentir um desconforto diante de toda a situação. Ainda na mesma página, Halla descreve as características de Einar que desde criança foi cuidado por outro homem que não é seu pai biológico e que aparentava ter problemas mentais:

Ria-se de dentes pretos e chapinhava e chamava por mim como se eu lhe estivesse a responder em grande conversa. Eu bufava. Pensava que ele era chato. Era muito velho para morar comigo e era chato. Já estava muito avisada contra os homens. Cheios de ideias claras de gestão. Geriam as vidinhas com sentido prático. A verem o que precisavam para serem felizes como se fossem a um mercado de raparigas aviar as conveniências. A minha irmã, acerca do Einar, estava de esperteza de toda. Não era homem para nós. Não prestava para nada. Eu que o dissesse. (MÃE, 2014, p. 49)

Nota-se que a personagem descreve o rapaz como um homem bem mais velho que ela, suas características são de uma pessoa que não possuía vaidade e higiene com o corpo. Na sua fala é possível observar que ela já havia sido alertada por Sigridur que tinha todo um cuidado, não só sobre ele, mas como os outros homens. Seguindo ainda nos tanques, Einar tenta um contato mais próximo com Halla:

Tinha sido uma péssima ideia meter-me ali. Os tanques eram populares não combinavam com uma rapariga tão desanimada quanto eu. Ele, enrabichado, todo cheio de interesses e eu, amuada, a exigir o meu direito á solidão e ao silêncio. Depois, começou a disparatar sobre coisas sem nexos, até lhe parecer romântico explicar loucamente as estrelas e os planetas [...] não sabia o que queria dizer a palavra obstrução. Parecia uma coisa com ossos. Uma palavra com ossos e que talvez rastejasse de boca aberta. Feia como a boca sempre aberta do Einar. Muito feia. (MÃE, 2014, p. 50)

Embora fosse de costume as pessoas irem até os tanques Halla, naquele momento, se sente arrependida, pois ela queria apenas ter seu momento de reflexão e acabou sendo incomodada por Einar que a todo instante tentava a induzir. Nas suas insistências de dialogar começou a dizer palavras na qual ela não conseguia compreender, e fez com que despertasse um certo interesse em sua conversa, fazendo a acreditar em suas palavras e acha-lo um rapaz romântico. Mas, apesar de dar indícios em estar interessada, Halla voltava atrás e novamente o achava estranho.

Dessa forma, as concepções de Simone de Beauvoir (1970) abordam falas sobre alguns aspectos em que o homem se sente autoritário sobre a mulher, ela aborda também sobre a condição feminina, onde diz que “A condição concreta da mulher não está ligada de maneira

estável a tal ou qual tipo de direito” (BEAUVOIR, 1970, p. 92). Com isso, a condição feminina não deveria ser imposta pelo o outro, mas, sim respeitada e deveria partir da própria mulher. Portanto, na passagem em que Halla tenta se distrair é visível que ela não teve seu momento privado, e Einar com sua autoridade masculina acabou invadindo o seu espaço e não a respeitou.

A obra *A História do Estupro* (1998) aborda a violência sexual nos séculos XVI-XX, no tópico, A consciência obscura do agressor diz que: “A visão do prazer apaga a agressividade, impondo o desejo como uma evidência à qual a vítima é confusamente associada” (VIGARELLO, 1998, p. 30). Essa agressividade muitas vezes é anulada pelo fato dessa violência vir de alguém próximo. Deixando a vítima confusa por sofrer tal abuso. Após os diálogos que aconteceu entre Einar e Halla, ele a leva até o tumulto da sua irmã gêmea Sigridur, e é lá que inicia uma aproximação maior entre os dois, no trecho abaixo a personagem narra claramente como Einar a tocou pela primeira vez:

Pôs a mão no meu peito. Eu não tinha nada. Era lisa como os rapazes. Percorreu a cicatriz. Depois, pôs a mão entre as minhas pernas. Sorriu de boca podre. Eu confirmei: já sou uma mulher. Deito flores [...] Deitámo-nos no chão, sobre minha irmã, a dizer coisas à sorte e a ocupar o espaço. O Einar tinha um sorriso negro. A boca aberta como um rabo, o lado de trás. Um objeto de matar. Tinha a boca como um objeto. Um rabo que fosse uma coisa e tivesse lâminas e cortasse. Achei que verdadeiramente me devoraria. [...] não parava de pensar que estava proibida de fazer futuro com ele. Era como desobedecer a morte. (MÃE, 2014, p. 54)

Ao relatar o toque de Einar, fica evidente que apesar de já ter passado por sua primeira menstruação, ela ainda não teve seu corpo completamente mudado, pois ainda estava no processo da puberdade, seus seios ainda não possuíam volume. E mesmo sem ter um corpo maduro, foi o suficiente para satisfazê-lo. Ao colocar sua mão na parte íntima de Halla, ele abre um grande sorriso, mostrando prazer por cometer o ato. Enquanto passava a mão sobre o seu corpo, ela o pediu que:

Pode gostar de mim, pedia eu. E ele tocava-me gulosamente, a garantir que sim. Que gostava de mim. Enquanto não for por amor, não namores muito. Eu pedia. Esperava que o amor, quando acontecesse, me tirasse o nojo que sentia. Passaria a achá-lo limpo. Dói-te aqui, perguntava-me. Depois, respondi-lhe: talvez a morte seja só uma maneira de simplificar a alma. A morte é a simplificação das almas. Deixa-as libertas dos infinitos pormenores do corpo. Libertas da sua vulnerabilidade. Ele deteve-se por um instante. Eu repeti: o corpo suja a alma. (MÃE, 2014, p. 55)

Os primeiros toques que Einar fez contra Halla, é possível perceber que quando ela menciona a palavra “gulosamente” nota-se um desejo muito grande ao falar essa palavra, como se ele sempre estivesse esperando por esse momento para que pudesse cometer tal ato. Ato

esse que só foi possível, porque o rapaz atingiu seu ponto fraco, que era a morte de sua irmã, tanto que a levou para o túmulo de Sigridur e lá deu início ao que tanto desejava. A autora Simone de Beauvoir (1970) diz “entre os tabus que dizem respeito à mulher em estado de impureza, nenhum é tão rigoroso quanto a proibição de relações sexuais com ela”. (BEAUVOIR, 1970, p. 192). Esse ato de impureza pode ser relacionado com a inocência e a fala de Halla, ao dizer que se sente com o corpo sujo, seria o fato de ter permitido que um homem mais velho a tocasse, sendo que ambos não possuíam se quer alguma relação afetiva. No trecho abaixo a personagem já induzida por Einar diz:

Eu gostava que o Einar me sentisse o peito, mesmo que não houvesse nada, e gostava quando me mexia com os dedos. Mexia de leve e cheirava sempre. Como se fosse de provar. Sentava-me invariavelmente na mesma pedra, à espera. E ele vinha [...] sentava-se também, olhava em redor, eu sabia que era importante não haver mais ninguém, e tocava-me. Contava-lhe tudo. Sobre tudo acerca das ordens perentórias da minha irmã (MÂE, 2014, p. 63)

A personagem e o rapaz se encontravam sempre às escondidas, pois ambos tinham noção de que se ficassem em público iriam ser alvos de julgamento, principalmente de Einar que era bem mais velho e estava se relacionando com uma criança. Nas teorias de Simone de Beauvoir (1970) em sua obra ela fala sobre a perda da virgindade e como a mulher depois do ato com o homem fica em uma condição exposta, tendo sua flor desabrochada. Ou seja, é nítido que Einar em momento algum não respeitou Halla, fazendo a perder de forma forçada a sua virgindade. Na citação abaixo a autora introduz que:

Intimamente do que mediante uma penetração que o deixa intato; com essa operação irreversível o homem faz dele um objeto inequivocamente passivo, afirma seu domínio sobre o mesmo. Esse sentido exprime-se muito exatamente na lenda do cavaleiro que abre um caminho difícil entre arbustos espinhosos para colher uma rosa nunca ainda respirada. Não somente ele a descobre, como ainda lhe quebra o caule; é então que a conquista. A imagem é tão clara que, na linguagem popular “colher a flor” de uma mulher significa destruir lhe a virgindade e essa expressão originou a palavra “defloramento” (BEAUVOIR, 1970, p.196)

Através desta citação é possível notar a delicadeza nas palavras acerca do assunto, ao mesmo tempo em que Simone aborda uma temática bastante importante, onde é vista muitas vezes com preconceito por se tratar da condição da mulher, e principalmente na época em que foi escrita. Pois, após a publicação de sua obra ocasionou um grande impacto na sociedade como nas igrejas católicas. Com isso, a autora quis demonstrar os poderes abusivos que a masculinidade tinha sobre as mulheres onde os homens eram vistos sempre como autoritários e sujeito, e a mulher sendo sempre o outro.

Dando seguimento nas análises presente na obra *A Desumanização* (2014) após Einar ter conseguido a confiança de Halla, ele mostra a ela sua parte íntima e a personagem o indaga sobre suas partes não serem iguais a dela. Por ser criança e virgem, para ela aquilo era algo novo e acabou despertando nela uma certa curiosidade. No trecho abaixo, ela descreve as sensações ao ver a parte íntima de Einar pela primeira vez:

Tu que idade tens, és mais velho do que o meu pai. Ele dizia que não. Tinha metade da idade e o dobro do juízo. Ríamo-nos. Ali, no colo, a sentir que dentro das calças dele algo me procurava, um animal vivo que obstinadamente me procurava, pensei naquilo como os bichos que devoravam os corpos dos mortos. Pressenti que faria algo de mau. Estava certa do erro, mas certa também de que não podia deixar de o cometer. Eu própria lhe pus a mão. Queria perceber que animal era aquele e queria que me dominasse. Queria entender porque me desejava tanto porque eu, sem saber exatamente o quê, desejava algo também. Estava viciada na descoberta de cada dia. Na intensificação perigosa das brincadeiras. A brincar de ser adulta. (MÃE, 2014, p. 65)

Após Einar insistir para que Halla se aproximasse dele os dois tem a sua primeira relação, mas não uma relação que envolvesse amor, mas, sim um momento forçado que após bastante insistências aconteceu de forma apressada. A personagem compara o órgão sexual de Einar como um animal feroz que a devora rapidamente, naquele instante apesar de se sentir curiosa e ter prazer em descobrir as sensações cada vez mais, a relação forçada que não deveria ter acontecido uma única vez, passou a ser frequente.

Como a personagem passou a ser solitária depois da morte da sua irmã, aquele rapaz passou a ser a sua única companhia, já que seus pais por não saberem lidar com o luto, passou a deixar a menos morta como era denominada sozinha. Na passagem abaixo a personagem narra como foi as suas sensações depois de perder a virgindade:

Quando o Einar se pôs dentro de mim, eu achava que as suas partes se soltariam e chegariam, assim, a todo o lado, com patas, andando abrindo caminho, encontrando a alma e conferindo cada coisa, para voltar com anúncio de esplendor. Ao contrário, as partes dele entravam e saíam das minhas tão sem mais nada que me surpreenderam. Fiquei de espanto. No meio das pernas, e apenas naquele lugar pequeno e desajeitado por onde humilhanamente urinava, estava tudo. Não havia segredo para lá daquilo. Seriam quinze centímetros de fundura. O resto do corpo tinha uso pelo lado da pele. Pelo lado de fora. Caí extenuada no chão e ele disse: vou casar contigo quando fores grande. Senti-me suja. Deitara sangue. Não sabia se havia gostado. Achava que afinal não gostava. A intuição dizia-me que deveria ter sido melhor. Devia sentir-me melhor. Beijou-me. A sensação reforçada das moedas na boca. Não era nojo. Era uma tristeza profunda. (MÃE, 2014, p. 66)

É narrado pela personagem as diversas sensações que sentiu ao perder sua virgindade, de forma mais delicada ela demonstra em suas palavras como aconteceu a relação dos dois. Por

já ter visto as partes íntimas de Einar, não sentiu muito espanto, mas sim, o fato de que foi a primeira vez que tiveram realmente uma relação sexual após as diversas insistências do rapaz.

Ao fim do ato Halla percebe que está sangrando, sangue esse que se deu devido ao rompimento do seu hímen, por ter sentido dor a personagem naquele momento tem dúvidas se realmente gostou e acaba dizendo que não, pois para ela aquele acontecimento deveria ter sido algo bom e acabou tendo um sentimento de culpa, e que no fundo compreendia que aquilo não era correto.

As sensações de se sentir suja e culpada após uma relação que não teve consentimento, é partida por aquela que foi induzida a cometer o ato, mesmo com resistência, é possível entender como quem foi submetida a algo forçado se sente. quando encontrava Einar, Halla sentia-se suja. Esse sentimento foi acarretado devido o rapaz que a forçou a fazer algo que no fundo não queria.

3.1 Halla, o perdão de si e do outro

A Islândia, onde passa a obra *A Desumanização* (2014), é considerado o melhor país de apoio as causas do feminismo e que busca a igualdade de direitos entre os homens e as mulheres. Entretanto, a história nem sempre foi assim, há quarenta anos o país tinha diversos empecilhos que culminaram com uma greve por parte das mulheres que buscavam os seus direitos. Segundo o levantamento feito pela BBC News Brasil, no dia 24 de outubro de 1975, as mulheres islandesas recusaram-se a fazer os seus trabalhos domésticos, passaram a não cozinhar, trabalhar, e não cuidar das crianças por um dia.

O movimento acima descrito fez com que, com cinco anos depois, houvesse uma grande revolução, tanto que a primeira presidente do País foi uma mulher divorciada e mãe solteira. Através desse grande movimento feminista, ela foi a primeira presidente mulher a ser eleita no mundo de forma democraticamente. Devido a gestão da presidente, a Islândia passou a ser considerada o melhor País para que a mulher pudesse viver, visto que, lá a igualdade entre os gêneros é a maior prioridade.

De acordo com o site de matérias remessa online, a Islândia é o país da Europa que tem uma das melhores administrações e consta como o país europeu com maior taxa de fertilidade, essa crescente taxa só é possível porque com o passar dos anos aconteceu mudanças que melhorou a vida da população feminina. Não se tem uma data exata que consta o tempo em que a obra *A Desumanização* (2014) foi escrita, embora através das pesquisas realizadas é possível

notar que os impasses ocorridos na obra não condizem com a época que aconteceu essa revolução das mulheres, as quais, saíram as ruas em busca de mais respeito e igualdade. Visto que, a personagem da obra analisada passou por diversas problemáticas como a falta de afeto por seus familiares, bem como a negação do seu povo onde morava. E os abusos silenciosos que sofreu do homem mais velho que também habitava no seu mesmo vilarejo.

Dando seguimento a análise, Einar seguia com as promessas de que iria viver para sempre ao lado de Halla, após as relações constantes que os dois vinham tendo, a personagem que agora estava com doze anos de idade acabou engravidando do rapaz mais velho. Onde nas descrições que Halla narrava ele aparentava ter traços parecidos com o de seu pai que já era um homem adulto, com o passar dos dias ela percebeu que suas flores de sangue como chamava a sua menstruação não tinha vindo, e que a sua barriga estava crescendo. No trecho abaixo a personagem relata aos poucos como as mudanças no seu corpo estavam acontecendo:

A minha barriga. Porque me nascia alguém lentamente como se me tornasse alguém lentamente. Um poema a começar. Outra normalidade qualquer. E agradecera a sagrada escolha, a minha mãe igualmente, com ódio. Agradeceu com ódio. E decidi que o sacrifício da caminhada, no outono feito, as últimas flores colhidas e para ali miradas, havia de me purificar a precipitação. A estupidez. Dizia ela por lá acima. A estupidez de avançar os tempos da vida. A minha mãe rezou com ódio. Também era uma rapariga à pressa. Sabia-o. Tinha de admitir e sofrer por isso o que houvesse de ser conveniente. (MÃE, 2014, p. 79)

A personagem fala para a mãe sobre as mudanças que vinham acontecendo no seu corpo, e descobre que está grávida, ao saber, sua mãe repudia a notícia e a situação conflituosa que antes tinha passa a piorar. Halla mesmo ficando feliz com a descoberta sabia que esse momento poderia ter acontecido muito tempo depois. Sua mãe mesmo estando enfurecida, rezou, mas sua reza foi destinada ao ódio e não a uma prese de oração.

Desde o início da sua trajetória, ao perderem Sigridur a relação familiar que existia se desfez, e passou a ser conflito entre mãe e filha. Na citação a seguir a personagem narra como estava o estado emocional da mãe: “a minha mãe, furiosa, amaldiçoando tudo, culpando-me da gula da sensualidade, acusava-me de não ser limpa para o fardo belíssimo da alma da minha irmã”. (MÃE, 2014, p.80).

É possível notar que sua mãe sempre igualou Halla e Sigridur. Mas não entendia que o fato de serem gêmeas não tinha a obrigação de serem iguais, quando se espalhou no vilarejo todos passaram a julgá-la, ao invés de receber apoio passou a ouvir críticas. No excerto abaixo, é possível compreender como Halla se sentia:

As nossas pessoas mostravam uma compaixão esquisita. Sentiam nojo de mim, mas não o poderiam manifestar. Era uma criança, ainda que grávida [...] O Einar perguntou-me: fazes segredo. E eu respondi: faço. Faz tu também. Até sermos mais velhos e podermos decidir sozinhos. E ele disse: vamos para longe [...] meu pai dizia que eu era uma mangueira branca grávida de uma gota de água. Quando me lavava os meus pais vinham ver, inspecionavam-me a distância e continuar tão estreita e ter uma bolinha pequena na barriga. (MÃE, 2014, p. 81)

Na passagem, observa-se que nem os seus pais e nem as pessoas ao redor sabem de quem Halla engravidou, mas a todo instante continuava sendo alvo de julgamentos, a personagem dizia: “julgavam-me apenas naquele nervosismo silencioso, medroso, um jeito covarde de julgar” (MÃE, 2014, p. 85). Com isso, seu pai que era o único que tentava melhorar a relação da família observava-a de longe juntamente com sua esposa.

Ao encontrar Einar ele a questiona se havia contado para alguém que os dois se encontravam as escondidas e rapidamente ela diz que não. Novamente o rapaz a induz para que guarde o segredo e depois pudessem fugir. Com o que a barriga ia crescendo e por ser a única criança grávida as pessoas da vila iam até a sua residência para comprovar se era realmente verdade. Abaixo a personagem narra:

Iam de perto para terem a certeza. Faz assim, diziam. Faz assim. Era para eu me virar de um e de outro lado e decidirem se ter a barriga um pouco inchada podia dar numa gravidez. A minha mãe confirmava: doze anos. Tem doze anos. O espanto era geral. As nossas pessoas barafustavam indignadas e gemiam como se tivessem dores e olhavam para mim uma e outra vez. Não é nada, concluía alguém. A rapariga está mal disposta. Comeu alguma coisa. É magra, tudo lhe abunda no estômago. Amanhã está curada. A minha mãe explicou a roupa limpa, a intuição, a certeza. (MÃE, 2014, p. 86)

A citação condiz com a opressão que Halla passou a viver depois de descobrirem que estava grávida, com apenas doze anos de idade. Podemos associar essa citação com as teorias do historiador Georges Vigarello que diz “a perda da honra, de uma condição, o exílio da sociedade são os males mais cruéis” (VIGARELLO, 1998, p. 35). Através dessa fala, é possível compreender como muitas vezes a sociedade opta por julgar a mulher sem antes saber em que contexto e condição estava inserida.

Por ter engravidado na pré-adolescência, Halla sofre com as fortes dores e passa a não se alimentar bem o que causa fortes náuseas e grande perda de peso. Com o passar dos dias, os questionamentos acerca da paternidade aumentaram chegando a suspeitar do próprio pai, com toda a pressão sob a família Halla passa a julgar a si própria. Abaixo ela diz:

Por ser tão ridícula. Por ter nenhuma autoridade sobre os meus sentimentos, sobre o meu corpo e a esperança tão difícil de algum dia ser adulta. Eu queria muito pedir

desculpa por não servir para nada. Para criança ou para mulher. Era um lugar de intermédio, sem autoridade nem submissão completa. Apenas um impasse. As raparigas aos doze anos eram ridículas. O meu pai disse: foi o Einar. Dois homens levantaram-se e empurraram o meu namorado tolo para a rua. Talvez lhe tivessem batido. As nossas pessoas comentaram. Eu esperei. (MÃE, 2014, p. 87)

Ao descobrirem que Einar havia violentado Halla, de início houve um sentimento de revolta por parte de seu pai, e de alguns homens que estavam ali naquele momento que ouviram a notícia. Sua mãe desde que descobriu a gravidez sempre se mostrou revolta. Mas, depois passou a acreditar na ressurreição da sua outra filha “pedia por mim e por meu filho. A minha mãe, subitamente ordenou: não percas a tua cria. Se perdes a tua cria não tens perdão. Era porque achava que eu seria mãe virgem e que traria a Sigridur de volta” (MÃE, 2014, p. 100). Sua mãe que sempre culpou, passou a pôr em Halla mais uma obrigação que era sustentar aquela criança, pois acreditava que seria a reencarnação de Sigridur.

Na obra *As teorias sobre a violência do estupro* (1998) lemos: “o estupro, na realidade, não é uma violência como qualquer outra, como dissemos. É daquelas que as vítimas denunciam pouco” (VILLARES, 1998, p. 33). Com isso, a personagem que sofreu abusos não soube falar para alguém mais próximo o que estava acontecendo, pois não encontrava mais confiança em dialogar com seus pais. Depois de muitos julgamentos, e pela falta de estrutura física para suportar a gestação Halla sofre um aborto espontâneo:

Quando me puseram um filho quieto nos braços, julguei que o meu próprio corpo se tinha ao colo. Julguei que os meus braços se seguravam. O corpo quieto do meu filho ainda mal completo. Minúsculo. Enrugado. Uns gramas de filho que não se sustentaram. Estavam no pano postos como uma pressa inexplicável. Era um filho à pressa. A minha mãe disse: fazes tudo assim, maldita, fazes tudo como se fosse um bicho. Vou gostar de te ver morta como um bicho também. E eu respondi: morra a senhora também, minha mãe. (MÃE, 2014, p. 102)

Como foi dito anteriormente, Halla por ser uma “criança” não suportou seguir com a gestação e teve um aborto espontâneo, novamente sua mãe a culpa e a amaldiçoa. Acreditando que seu filho era a reencarnação de Sigridur, com a perda Halla passou a ser julgada ainda mais, e mesmo com as dores físicas que sentia após o aborto teria que lidar com mais um abalo emocional.

Depois de muitas críticas Einar e Halla foram morar juntos, os dois encontraram abrigo graças ao Steindor. Que era uma pessoa bastante religiosa que habituava no vilarejo e que criou Einar desde criança, porém, pouco se sabe acerca da vida do rapaz, apenas que ficou órfão e o Steindor passou a cuidá-lo.

Assombrávamos. Eu e o Einar. Éramos aberrações e apenas assustávamos o mundo, sobretudo legitimados pela piedade do Steindor, que nós atendíamos ao conforto possível, os restos de comida, o destino dos afazeres espirituais. Éramos suportáveis apenas pela dimensão espiritual do sofrimento. A expectativa sempre custosa da fé. (MÃE, 2014, p. 115)

Halla narra como estavam sendo vistos na vila por seu próprio povo, depois dos acontecimentos ambos passaram a morar juntos e as suas tarefas diárias se baseava em manter a igreja sempre limpa e organizada. Por se tratar de um País com o clima bastante frio, a igreja não era muito visitada, pois, a neve atrapalhava abertura e a locomoção para se chegar. Muito tempo passou, e Halla não via mais seus pais, ao receber a notícia de que sua tia havia aparecido, ela resolve fazer uma visita a sua antiga casa.

(...) mudaram-se as direções das camas, as comodidades em torno da mesa, as roupas tinham-se em arranjo, com outros remendos e belezas, o telhado estava reforçado. De calor ficará a casa servida. O meu pai num lado, a minha mãe no outro, sem conversa minha tia espanando e enxotando, parecia ali uma trabalhadeira concentrada que usava apenas o corpo, em muito demitia a mente. Não se pensava. Pensaria apenas a Islândia, lá fora, sobre e debaixo. (MÃE, 2014, p. 129)

Halla se mostrava curiosa em conhecer o mundo fora da Islândia “A querer lutar contra a maturidade necessária. A criança bonsai terá sido dos meus piores desejos” (MÃE, 2014, p. 151). Seus pensamentos mudaram conforme os acontecimentos que foi obrigada a passar, como só tinha Einar de companhia Halla passou a questionar se ele tinha recordações de seu pai e o mesmo dizia que não, que não tinha memórias dele.

Uns dias após conversar com Halla, Einar dentro da igreja recorda a morte de seu pai, onde vem a memória o corpo jogado a boca de deus e conta para Halla que o homem que havia tirado a vida de sua figura paterna, teria sido o mesmo homem a quem lhe sempre ofereceu abrigo, o Steindor. Halla comovida com a história do seu namorado, o questiona quais atitudes ele iria tomar:

Einar respondeu: não sei. O que queres fazer. Matar muito o Steindór. Cortá-lo. A tira-lo ao centro bem mirado da boca de deus para que caia sem regresso, sem eco. Para que não responda do lado da morte. Quero desfazer-lhe o corpo e, de tão desfeito, triturar lhe a alma. Depois quero esquecer. Tens razão, Halla. Estará morto depois do esquecimento (MÃE, 2014, p. 173)

Através da curiosidade de Halla, Einar pôde lembrar acerca do que havia realmente acontecido na sua infância. Com o decorrer dos dias, Halla aprendeu a criar afeto por Einar e juntos combinaram de se vingar do Steindor, aquele que tirou a vida do seu pai. A personagem criou então um plano para que pudesse realizar a vingança. Após a concretização iam sair em

fuga. Halla pediu para Einar que a deixasse visitar seu pai para buscar alguns livros porque eles iriam fazer parte do seu plano.

A personagem que agora com uma certa maturidade entendia que não era necessário ficar ali para sempre, foi através dessa série de acontecimentos que Halla se atentou em buscar por uma nova perspectiva de vida. Com seu plano totalmente arquitetado, a personagem descreve claramente como tudo deverá ocorrer:

Havia feito um cálculo de cada acontecimento. O lume andaria pelo chão até à mesa. Subiria a mesa e já estaria pelas paredes [...] Gritaria. O Steindor acordaria já tossindo, faltando-lhe o ar, confuso. Um pouco gordo, muito alto e pesado, ele quase nada se afastaria da cama imprestável [...] a minha tia buscando as portas, forçando-as e as energias falhando. (MÃE, 2014, p. 182)

Após ter se vingado por Einar, Halla se perdoou e perdoou aqueles que a julgavam, entendia agora suas dores e aprendeu a se curar sozinha. Passou a compreender de que podia ir mais além, para longe da Islândia, onde poderia ir em busca por uma nova perspectiva, longe daquelas pessoas que tanto a julgaram. Na citação abaixo ela narra o seu desfecho:

Fugi as montanhas interdidas pelo inverno, extensas, lentas. Levantada eu sobre a brancura como animal selvagem, avulso, vagando como seu propósito [...] olhei o mundo como palavras. Podia estar apenas passando pelas mais brancas, as mais vazias e longas. Haveria de acabar. Eu disse: arvore. Embora não estivesse ali nenhuma. Eu disse: arvore e foi como se descobrisse o seu segredo. Os fantasmas recuaram e o caminho era só vento e frio do costume. Não temia as raposas. Sentia-me igual a elas. Não soube nada acerca do que foram contar ao Einar nem de como o consolaram. Estaria ele agarrado à caçadeira [...] percebi absolutamente que o amava. E levava dúvida nenhuma de ser amada. Teria a vida inteira para lidar com esse sentimento. Sabia que me perdoaria. Pensei, quem não sabe perdoar só sabe coisas pequenas. (MÃE, 2014, p.184)

O plano de Halla obteve êxito, conseguiu realizar esse ato contra o Steindor e da sua tia. Depois de passar por todos os seus marcos, entender a si mesma e o desejo no seu coração a personagem toma a decisão final de não fugir mais com Einar, e sim, seguir sua nova vida sozinha. Entendia que Einar a amava assim como ela aprendeu amá-lo.

Contudo, ao analisar todo o percurso vivenciado por Halla, nota-se, que o principal aprendizado foi a cura e o perdão. Embora tenha sido machucada pela frieza da sua mãe e pelo silêncio vindo do seu pai, a personagem compreendeu que não poderia dominar o sentimento das pessoas que estavam a sua volta. A forma apressada de Einar para ter relação com Halla enquanto criança, causou nela uma obrigação que não deveria ter sido imposta, pois, desde a primeira relação que tiveram a personagem entendia que não era certo, e mesmo falando o que

sentia foi ignorada. Novamente percebe-se o quanto os sentimentos de Halla eram ignorados por todos que ela convivia diariamente.

A protagonista de sua própria história entendeu que agora teria uma nova chance na vida, e como sabia do amor do seu parceiro, ele a entenderia e iria ficar feliz por ela buscar sua nova jornada. É relevante ser destacado, que mesmo após passar por diversas violências, causadas por pessoas próximas, Halla compreende a si mesma, entende o significado de perdão e, após perdoar todos aqueles que a feriram, ela vai em busca por uma nova vida, para além da Islândia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a narrativa *A Desumanização* (2014), percebemos uma série de marcos cruciais vivenciados pela personagem e protagonista Halla, que desde o início, passou por muitas problemáticas, para que, ao final ela pudesse entender o significado do perdão e conseguisse buscar um novo modo de vida. Outro fator importante a ser destacado é que ela entendeu que, não necessariamente, a sua nova perspectiva de vida precisaria ser na Islândia.

Em decorrência da gradação de vivências de Halla, esta pesquisa foi imprescindível para obter uma análise sobre a construção da personagem literária, visto que, durante todo o seu percurso a narradora e personagem traz a sua voz em todo o romance, narrando sua história desde ainda criança até os seus 12 anos de idade. Percebe-se, portanto, que logo nas páginas iniciais, onde Halla é considerada a menos morta, e após a perda de sua irmã teve que lidar com a nova identidade que as pessoas puseram de “criança plantada”, o que acaba causando nela mais dor.

Ainda considerando as situações em que Halla foi exposta, desde cedo, nota-se que o escritor português Valter Hugo Mãe, não teve preocupações em seguir uma determinada linguagem, de modo que, na narrativa percebe-se uma mescla de gêneros textuais que tratam tanto da poesia, como o romance e o ensaio. Destaca-se, a forma como o autor trata o sentimento do luto das diferentes formas em que os personagens vivem. A mãe que passa a negar a própria filha e o pai com o luto mais fechado, mesmo vendo sua família desestruturada ele é o único que tenta apaziguar a situação entre a sua esposa e a filha, e a constante luta de Halla para se reconstruir no meio de toda essa situação que a cerca.

Outro fator que vale salientar, são as análises realizadas sobre os traumas da personagem Halla, onde aos onze anos de idade ela lida com a sua primeira menstruação. Ainda tratando, a questão da abordagem de uma gravidez indesejada na pré-adolescência, induzida por um homem mais velho que residia no mesmo vilarejo de Halla, e em seguida a passagem por um aborto espontâneo, ocasionado por não possuir uma estrutura física para seguir com a gestação. Aponta-se o estado de vulnerabilidade da personagem após a perda da sua irmã, ao tentar lidar com sua própria solidão. Halla tem esse silêncio interrompido por Einar que a observava e acabou atrapalhando ainda mais a vida da personagem.

Destaca-se, as paisagens inóspitas da Islândia, pois, a frieza do lugar é comparada com a narrativa, como a frieza da mãe que se iguala ao gelo e o branco da neve com a pureza de Halla, é analisado também a questão da abordagem das crenças na narrativa, podemos situar a

passagem em que a mãe da personagem ao descobrir a gravidez da filha, passou a acreditar na reencarnação, pois ela achou que ali nasceria a alma de Sigridur no corpo de Halla.

Ao final desta pesquisa, foi possível concluir que a aceitação do perdão pela personagem protagonista torna-se o principal fator para a sua nova jornada. Pois através do ato de perdoar ela conseguiu se curar sozinha e entendeu que todos os seus traumas foram evidenciados por outros. Com o seu progresso pessoal e sua própria aceitação, Halla pode seguir sua vida sozinha. Apesar de ter sido sempre afetada por tudo que lhe ocorreu, ela decide se dar uma nova chance e em ir busca de uma nova jornada para além da Islândia, pois a personagem sempre sonhou em conhecer novos lugares e viver longe.

Conclui-se, que diante de toda a trajetória analisada da personagem é possível ter novas possibilidades de estudos, visando que outros pesquisadores podem abordar a questão do luto nos personagens presente na narrativa. Assim como a forma que cada um agiu diante da perda de Sigridur, pois, percebe-se que todos lidaram com o luto de maneiras diferentes. O confronto entre Halla e sua mãe é outra temática que pode vir a ser trabalhada, assim como a vulnerabilidade da personagem com o rapaz mais velho da vila. Temáticas essas que ao serem abordadas se tornam assuntos de grande relevância para o meio social, bem como a presente pesquisa, que analisou toda a construção da personagem Halla e seu final onde ela compreendeu a si mesma.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. Tradução Sergio Milliet.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1985.

BREWER, Kirstie. **A greve geral de mulheres que tornou Islândia o país 'mais feminista do mundo**. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151102_islandia_feminismo_hb. Acesso em: 17 mar. 2023.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Decio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Sales. **A personagem de Ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 51-80.

EAGLETON, Terry. **Como ler literatura: um convite**. Porto Alegre, Rs: L&Pm Editores, 2017. Tradução Denise Bottmann.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de Leitura da narrativa. In: THOMAS BONNICI (Maringá-Paraná). Universidade Estadual de Maringá (org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: EDUEM, 2009. p. 33-58.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002. (Série Princípios).

HYPENESS, Redação (ed.). **Essas leis feministas na Islândia são uma aula de direitos humanos para o resto do mundo**. 2017. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2017/03/essas-leis-feministas-na-islandia-sao-uma-aula-de-direitos-humanos-para-o-resto-do-mundo/>. Acesso em: 17 mar. 2023.

MALVESI, Lara. **Islândia, um oásis feminista em um mundo patriarcal**. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2018/12/02/islandia-um-oasis-feminista-em-um-mundo-patriarcal.amp.htm>. Acesso em: 17 mar. 2023.

VIGARELLO, Georges. **História do estupro: violência sexual nos séculos XVI-XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. Tradução Lucy Magalhães.

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. São Paulo: Cosac Naify, 2012. (Portátil 6). Tradução Denise Bottmann.